

## O FEMININO E A PSICANÁLISE: A COMPLEXA RELAÇÃO DE FREUD COM A FEMINILIDADE

Ana Carolina Kort-kamp Menegat<sup>1</sup>  
Lucas Guilherme Fernandes<sup>2</sup>

**RESUMO:** O jovem médico Sigmund Freud, intrigado com a nova forma de adoecimento das histéricas, interessou-se pela escuta dessas mulheres que denunciavam as limitações de existência que eram impostas a elas. Essa escuta possibilitou a formulação de um enigma que atravessou todos os escritos de Freud sobre o feminino: “o que é uma mulher?” Ao longo de sua obra, o psicanalista tenta descrever como a menina, através do atravessamento do Complexo de Édipo, torna-se mulher. Ao fim da vida, ele afirma sua incapacidade de responder a essa pergunta, deixando-a à ciência e à arte, transformando-a em um enigma, uma parte complexa e obscura de sua teoria que ele não foi capaz de desenvolver. Ainda que muita coisa tenha escapado a Freud, a psicanálise forneceu uma indagação da questão da sexuação dos sujeitos e dos ideais de gênero e possibilitou a abertura da questão: o que é ser uma mulher só pode ser respondido a partir da história e da construção narrativa de cada sujeito, em suas vicissitudes e singularidades.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Feminino. Mulher.

### INTRODUÇÃO

1859

Em Viena, na Áustria, ao fim do século XIX, Sigmund Freud abandonou a anamnese médica e se propôs a escutar o que diziam as histéricas, que a essa altura haviam sido excluídas da medicina moderna, que consideravam-nas um objeto de construção de saber da medicina. Um neurologista, que inegavelmente era também um homem do discurso médico, começa a escutá-las quando uma delas exige que ele se cale e a deixe falar; tal escuta possibilitou a elaboração da psicanálise, o conceito de inconsciente e um novo método de tratamento estabelecido por Freud. Não só a cidade, mas também o mundo passava por muitas transformações com a transição para a Modernidade. Viena vivia a ambivalência dos progressos

---

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia pela Uniredentor/Afya.

<sup>2</sup>Docente do curso de Psicologia da Uniredentor/Afya, Doutorando em Psicologia - Estudos da Subjetividade pela UFF, Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela UERJ, Especialista em Atenção Psicossocial na infância e adolescência pela IPUB/UGF.

e retrocessos de uma substituição do sistema feudal para modelos ditatoriais e absolutistas, passando por uma democracia liberal que fracassou (Molina, 2011).

Em meio ao conservadorismo e progressismo, à industrialização, pressões da burguesia emergente, desemprego e embates sociais, as mulheres austríacas vivenciavam um isolamento social que as impedia de refletir sobre sua situação de opressão, que era naturalizada. O ideal feminino era de uma submissão conformada à intromissão e a interdição masculina, sendo a mulher representada legalmente pelo marido. Como ressalta Molina (2011, p. 50), “é por isso que ela [a psicanálise] surgiu ali; as histéricas acabaram por representar o sintoma, não apenas de si mesmas, mas de uma sociedade hipócrita e decadente”. Tratava-se de uma crise entre o lugar estabelecido à mulher pelo discurso da época, que passa a ser reafirmado pela ciência através dos ideais iluministas e às tentativas das mesmas de se tornarem sujeitos de sua própria história (Kehl, 2008).

É importante pensar aqui que o discurso e a cultura – através da educação, do senso comum, da religião e da ciência – constroem o que é a feminilidade, reunindo atributos universais que constituem o que é (ou deveria ser) a mulher. Antes de nascer e de receber um nome, através da ultrassonografia, a questão do sexo da criança se introduz preliminarmente. Essa descoberta carrega significações, como se existisse um manual de como agir, que dita <sup>1860</sup> normas para o que é ser menina ou menino e lhes confere um lugar específico. Obviamente, a ideia era que as mulheres se adequassem a esse conjunto de características, funções e limitações a que denominamos feminilidade. Contudo, a modernidade possibilita o surgimento de outros discursos e possibilidades, e daí a crise das histéricas, que fugiam a essa adequação, que afinal, nunca se dá de forma completa ou sem conflitos. Contudo, é importante mencionar que para a psicanálise e sua ética, “homem, mulher, sujeito são construções datadas, contingentes, portanto, mutantes”(Kehl, 2008, p. 28).

Em uma sociedade fundamentada pelo patriarcado que destinava às mulheres o âmbito privado e a maternidade, afastando e proibindo-as do âmbito público, as histéricas denunciaram seu sofrimento e o inconformismo com o papel que lhes era designado. Cabe ressaltar que somente em 1919, com o fim da Primeira Guerra Mundial, as mulheres conquistaram o direito de estudar nos ginásios. Tal fato ocorreu porque os homens deixaram seus cargos ao irem para

a guerra e tornou-se necessário não somente que as mulheres ocupassem-nos, como também lutassem para mantê-los quando os homens retornaram (Tavares, 2018).

Nove anos antes, em 1910, a Sociedade Psicanalítica de Viena passou por uma revisão de seu estatuto interno de funcionamento e muitos homens se opuseram a admissão de mulheres. Embora sua doutrina se afastasse com frequência das lutas feministas e em seu próprio casamento ele compartilhasse dos ideais da feminilidade, Freud aprovava a admissão de mulheres e em abril de 1910, Margarete Hilferding foi a primeira mulher a fazer parte da Sociedade, mesmo que com alguns votos desfavoráveis (Tavares, 2018).

O século XIX foi o século de início das lutas pela emancipação feminina e, ao mesmo tempo, a sexualidade torna-se um objeto do discurso da época; discurso este permeado pela hipocrisia e pela vergonha. É em meio a esse turbilhão, que Freud começa a versar sobre a mulher, portanto, faz-se necessário compreender que sua teoria foi escrita e limitada pela sua dialética com a cultura, com o contexto histórico e social e suas ideologias, que não se distanciavam muito dos ideais de feminilidade da época. Diante deste contexto, a psicanálise emerge com as históricas, que denunciaram sua condição de submissão e opressão, negando a medicina da época e possibilitando a emergência de um novo saber e uma nova forma de cuidado (Tavares, 2018). Sem acesso à intelectualidade, ao poder político e ao âmbito social, as mulheres 1861 eram objetos de um discurso que não as possibilitava falar por si mesmas, mas serem faladas. E essas falas limitavam as diversas possibilidades de identificação a outros atributos, que muitas vezes eram considerados masculinos (Kehl, 2008).

## METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica em referências cânones no campo teórico da psicanálise. Os textos foram selecionados mediante sua relevância e produção crítica, priorizando Sigmund Freud e sua produção a respeito do feminino no período de 1905 a 1933. Ademais, foram utilizados alguns autores comentaristas da obra de Freud, com o intuito de realizar uma releitura crítica de sua obra e pensar o tema no tempo presente.

## Da sexualidade infantil à feminilidade

Neste cenário, Freud começa a elaborar sua teoria sobre a sexualidade infantil, o que envergonha a sociedade vienense que tratava o tema com constrangimento, proibição e temor. Em 1907, em “Sobre o esclarecimento sexual das crianças”, ele afirma que, mesmo antes da puberdade, o recém-nascido e a criança vivenciam atividades e sensações sexuais; diz ainda que os conflitos psíquicos gerados por essa curiosidade sexual das crianças e a recusa dos responsáveis em esclarecê-la torna-se constituinte da neurose.

A teoria freudiana acerca da sexualidade constata que “não só o psiquismo humano é sexual, como a sexualidade humana é toda ela permeada pelo psíquico” (Kehl, 2008, p. 192). Até então, as crianças eram consideradas seres angelicais, puros e inocentes que só teriam pulsão sexual quando chegassem à puberdade. Freud abala as estruturas desses pensamentos quando afirma que há sexualidade desde o nascimento e que existem várias partes do corpo passíveis de satisfação, para além dos genitais, às quais ele denominou zonas erógenas (Freud, 1904/2018). Um ano depois, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2006), ele acrescenta que as crianças são perversas polimorfas, isto é, capazes de se satisfazer de modo fragmentado, em pulsões parciais, não importando o objeto e de diversas maneiras.

1862

Em 1908, Freud pensa a diferença sexual a partir da presença ou ausência do genital. O menino imagina que o pênis é comum a todos os seres humanos, o que se dá pelo fato de ser este um objeto sexual autoerótico inestimável para ele. Quando se depara com a falta de pênis em outra criança, uma menina ou mesmo na mãe, primeiro nega essa falta, – o que gera dúvidas e teorias para dar conta do sexual – e, quando posteriormente é repreendido pela atenção intensa dada a seu membro, sente-se ameaçado de perdê-lo, por pensar que o pênis foi mutilado enquanto punição naquelas onde ele faltava. A isso dá-se o nome de castração.

Anatomicamente, “a mulher possui, tal como o homem, um pênis” (Freud, 1908/2018, p. 75). O clitóris na mulher é comparado ao pênis; o estímulo do mesmo configuraria um caráter masculino à sexualidade feminina e tal caráter precisaria sair de cena para a mulher e a feminilidade surgirem. A menina, quando percebe sua falta, tem inveja do pênis dos meninos e se sente prejudicada e inferior, o que deixaria marcas significativas em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter. Antes disso, ela partilha do mesmo interesse pelo órgão do menino,

mas esse interesse é governado pela inveja, que pode perdurar durante muito tempo e não é possível superá-la sem um considerável dispêndio psíquico (Freud, 1933/2018).

Nas “Conferências de Introdução à Psicanálise” XX e XXI, em 1916, Freud aborda a relação da sexualidade infantil com a perversão e como a psicanálise foi forçada a pensar a vida sexual das crianças, uma vez que a análise dos sintomas em sua clínica remetiam aos primeiros anos de vida. Ele caracteriza a sexualidade infantil que surge associada à satisfação das necessidades orgânicas – o prazer dos lactantes no ato de sucção e a excitação da zona erógena da boca – e acontece de forma autoerótica, ou seja, os objetos são encontrados no próprio corpo. “Mamar no seio da mãe passa a ser o ponto de partida da vida sexual inteira, o modelo inalcançado de toda e qualquer posterior satisfação sexual” (Freud, 1916/2018, p. 152).

Antes que se instaure o primado dos genitais, nessa fase chamada de pré-genital, não há ainda a oposição entre masculino e feminino, mas sim entre o ativo e o passivo, que corresponderiam às posições masculina e feminina. O objeto amoroso nesse momento é a mãe, que além de suprir as necessidades fisiológicas da criança, dá amor e estimula o corpo da criança nos procedimentos de cuidados corporais. Há nesse momento uma relação simbiótica, como se mãe e bebê fossem apenas um. Há também o pai, que surge como terceira pessoa nessa relação e dá a essa relação antes simbiótica uma abertura para que mãe e bebê desejem coisas além delas 1863

---

### **A feminilidade no Complexo de Édipo**

Em 1918, em “O tabu da virgindade”, Freud abandona um pouco o tema da sexualidade infantil para abordar a sexualidade da mulher, mais especificamente, a exigência da manutenção da virgindade das mulheres para a primeira relação sexual, que é um reflexo da mesma enquanto posse. Para Freud, tal sujeição sexual seria imprescindível para a preservação do casamento e para o afastamento de predisposições poligâmicas. Nesse texto, o psicanalista realiza algumas observações antropológicas a respeito do tema, fazendo um paralelo sobre como os povos primitivos tomaram a virgindade como um tabu e os povos modernos o perpetuaram. Ele afirma que isso se deu por conta do horror ao sangue, relacionado também à menstruação; à angústia frente ao novo, frente à nova relação sexual e que se trata de um tabu a tudo que é sexual. Por

fim, diz que “quase que poderíamos afirmar que a mulher [Weib] inteira constitui tabu” (Freud, 1918/2018, p. 121). O autor ainda afirma que:

Lá onde o primitivo estabeleceu um tabu, é onde ele teme um perigo, e não se pode negar que em todas essas regras de evitação está expresso um horror fundamental à mulher. Talvez esse horror esteja justificado pelo fato de a mulher ser diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha, e por isso parecer hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, ser contaminado por sua feminilidade e então mostrar-se incapaz (Freud, 1918/2018, p. 122).

Cabe aqui mencionar toda a recusa e exclusão ao que é feminino, considerado subalterno e frágil. Freud justifica que, nessa recusa da mulher enquanto um perigo hostil, estaria remetido o complexo de castração, quando na infância o menino percebe que a menina não tem pênis. Por outro lado, tenta explicar a frieza, a hostilidade da mulher contra o homem pelo mesmo caminho; descobre que tal hostilidade tem a ver com a inveja do pênis, agregada ao sentimento de inferioridade frente sua falta e à masculinidade. É possível depreender que a mulher é desvalorizada por ambos, tanto pelo menino, quanto pela menina (Freud, 1918/2018).

Retomando a dimensão da sexualidade infantil, Freud estabelece o Complexo de Édipo como estrutura organizadora e constituinte da sexualidade humana. Ele se baseia na história de Édipo Rei, tragédia grega de Sófocles, para falar do desejo incestuoso da criança entre a mãe e o pai. Portanto, na fase denominada como fálica, o menino quer ter a mãe para si e percebe a <sup>1864</sup> presença do pai como incômoda, quer destituí-lo e ocupar seu lugar; há nessa relação a ambivalência de sentimentos de ternura e hostilidade pelo pai, mas isso se desfaz frente a angústia da castração. Apesar da mãe também ser o primeiro objeto da menina, Freud diz que há uma ligação da menina com o pai e a exigência de assumir o papel da mãe. A mesma se considera prejudicada pela falta do pênis, que sua mãe não lhe deu, e por isso, aflora o desejo de ter um para si e ser homem. Apesar da falta de pênis na menina,

O clitóris da menina na infância desempenha inteiramente o papel do pênis; ele é o portador de uma excitabilidade particular, o lugar em que se obtém a satisfação autoerótica. Para o tornar-se mulher da menininha importa muito que o clitóris ceda essa sensibilidade, a tempo e completamente, ao orifício vaginal. Nos casos da assim chamada anestesia sexual das mulheres, o clitóris reteve obstinadamente essa sensibilidade (Freud, 1916/2018, p. 155-6).

O clitóris tem um papel fundamental enquanto um lugar de excitabilidade que precisa ceder à sensibilidade do orifício vaginal, dando abertura para a feminilidade (Freud, 1916/2018). É a partir do Complexo de Édipo que ocorre a sexuação, que se dá pela inscrição, que só é

possível através da linguagem, em um grande grupo: de homens ou mulheres. Contudo, como ressalta Kehl (2008), tais identificações não garantem uma identidade.

Em “A Organização Genital Infantil” (1923/2018), Freud afirma que nessa organização de ambos os sexos, trata-se da primazia do falo. Ainda que o falo não esteja vinculado a nenhum objeto, mas sim seja aberto a simbolização, ou seja, pode ser qualquer objeto, ao perceber a falta do pênis na mãe, ele alcança o estatuto fálico para o menino. Isso não garante a falicidade ao homem; o falo não pertence a ninguém, mas todos podem alcançá-lo (Kehl, 2008). Freud diz ainda da falta de conhecimento para descrever os processos de tal organização na menina. Se em um primeiro momento a falta do pênis não é relacionada pelo menino a uma mulher, num segundo momento “[...] a depreciação da mulher, o horror à mulher e a disposição sobre à homossexualidade derivam da convicção final sobre a falta de pênis na mulher” (Freud, 1923/2018, p. 185).

Se na fase pré-genital há a oposição entre ativo e passivo, aqui surge a oposição entre masculino e castrado, e só na época da puberdade, com o fim do desenvolvimento sexual, surge o feminino em oposição ao masculino. “O masculino reúne o sujeito, a atividade e a posse do pênis; o feminino estende-se ao objeto e à passividade. A vagina é agora considerada o albergue do pênis, ela assume a herança do ventre materno [*Mutterleibes*]” (Freud, 1923/2018, p. 186). Um <sup>1865</sup> ano depois, Freud escreve “O Declínio do Complexo de Édipo”, no qual explica como se dá a dissolução de tal complexo. O pênis enquanto genital assume o papel principal no desenvolvimento sexual da criança, e esse momento fálico culmina num período de latência. O Complexo de Édipo abre duas possibilidades para a criança: se colocar no lugar do pai e se relacionar com a mãe ou substituir a mãe e ser amada pelo pai. Com a aceitação da possível castração, essas possibilidades se findam e o Eu da criança se afasta do Complexo de Édipo (Freud, 1924/2018).

A identificação entra no lugar dos investimentos de objeto e o supereu se forma, sustentando a autoridade parental e a proibição do incesto. A inferioridade feminina e a inveja surgem quando a menina compara o clitóris ao pênis e percebe que o primeiro é muito pequeno. Ela infere que já possuiu um órgão maior, mas o perdeu. Assim se dá que a menina aceita a castração como precondição, enquanto o menino a percebe enquanto possibilidade de punição

(Freud, 1924/2018). No caso do Complexo de Édipo da menina, Freud diz que se trata de algo “muito mais obscuro e lacunar” (Freud, 1924/2018, p. 194).

Enquanto para o menino, a identificação ao pai ocorre de forma suficiente, na menina essa identificação é impossível, porque a mãe é insuficiente sempre. Ao mesmo tempo que ela se volta para o amor do pai, ela se prende à única característica que ainda lhe importa na mãe: a feminilidade e a passividade. Ao perceber o pai, detentor do falo da mãe, lançando olhares desejan-tes para a mesma, empreende-se que a mulher é aquela que se faz desejada por ele. Portanto, a única identificação possível não é uma identificação à mulher, mas a mãe. Ela não desiste da posse do falo, mas a adia. “A feminilidade é um truque, e a posição feminina, um sacrifício temporário oferecido pela mulher freudiana ao homem em troca de um único interesse verdadeiro: o filho-falo” (Kehl, 2008).

Posteriormente, em “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925/2018), Freud busca respostas para a mudança de objeto da mãe para o pai na menina. A inveja do pênis gera consequências psíquicas; após compreender a sua falta enquanto uma punição e de entender que isso se estende a todas as mulheres, a menina menospreza o homem e insiste em uma igualdade. “A esperança de um dia ter um pênis e assim igualar-se ao homem pode conservar-se até épocas incrivelmente tardias e tornar-se motivo de atos estranhos, 1866 incompreensíveis de outro modo” (Freud, 1925/2018, p. 203). O que resulta dessa inveja e da compreensão dessa ferida narcísica é um sentimento de inferioridade e um compartilhamento do menosprezo do homem pelo sexo em que falta o pênis. É inegável que tal sentimento de inferioridade apontado por Freud pressupõe uma suposição de superioridade masculina.

A menina então pensa que sua mãe é responsável por tê-la trazido ao mundo com essa falta e substitui o desejo de ter um pênis pelo desejo de ter um filho, adotando o pai como objeto de amor e a mãe como objeto de ciúme (Freud, 1925/2018). Isso possibilita que a menina se afaste da mãe e se torne uma mulher, diferente daquela que lhe deu a vida. É importante ressaltar que “a feminilidade só se sustenta na teoria freudiana enquanto estratégia para (re)conquista do falo” (Kehl, 2008, p. 186). Bleichmar questiona que, considerando a crença em tal inferioridade, como é possível às mulheres que se afastem de suas fantasias masculinas para que se dê a

abertura à feminilidade, apontada pela cultura como inferior? Além disso, tal abertura não é garantia de que a mulher se torne apenas o que é designado como feminilidade (Kehl, 2008).

Enquanto no menino a castração ameaça e desfaz o Complexo de Édipo, na menina esta possibilita a entrada no mesmo. Freud afirma ainda que todos os seres humanos, em virtude da constituição bissexual, dispõem de atributos femininos e masculinos, “de maneira que a pura masculinidade e a pura feminilidade são construções teóricas de conteúdo incerto” (Freud, 1925/2018, p. 208). A partir dessa informação, tem-se um paradoxo: não se nasce homem ou mulher; essas construções se dão através do Complexo de Édipo, e mesmo assim não existe um grupo de características que sustentem o que é uma mulher: uma identidade não é capaz de dar conta das questões de cada sujeito. Entretanto, percebe-se que ao longo de sua obra, há tentativas de Freud de descobrir as naturezas que constituem a masculinidade e a feminilidade (Kehl, 2008).

O inconsciente é sexual, mas não sexuado. Não existe a diferença sexual lá onde o sujeito se manifesta. E se não existe um sujeito que pode se colocar no lugar de um menino ou menina, as próprias identificações ao pai ou à mãe não são necessariamente identificações ao que é masculino ou feminino. A partir da própria psicanálise, relativiza-se a questão da sexuação dos sujeitos e dos ideais de gênero (Kehl, 2008).

1867

Em 1931, com a publicação de “Sobre a Sexualidade Feminina”, Freud acrescenta que a estreita ligação entre o pai e a filha é reflexo de uma ligação intensa que a mesma teve com a mãe na fase pré-edípica, assim como o menino. Ele amplia a noção de Complexo de Édipo afirmando que ele abrange todas as relações da criança com ambos os pais. Além disso, afirma que a bissexualidade humana é muito mais evidente na menina, por esta possuir duas zonas sexuais orientadoras, a vagina (feminina) e o clitóris (similar ao órgão masculino) e também por ocupar para a mãe uma posição passiva – na qual ela é cuidada – e uma ativa – quando tenta conquistá-la falicamente. Logo, poder-se-ia dizer que para a menina, existe um fluxo mais livre entre o passivo e o ativo, entre o feminino e o masculino.

O clitóris é o centro da genitalidade que acontece na infância da menina, e a troca dele pela vagina deve corresponder a troca da mãe pelo pai. Acrescenta também que a descoberta de sua castração e inferioridade é uma situação impertinente e de inquietação. “A mulher

reconhece o fato de sua castração e, com isso, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas também se revolta contra essa situação desagradável” (Freud, 1931/2018, p. 224). Diz ainda que se trata de uma descoberta de sua “inferioridade orgânica” (Freud, 1931/2018, p. 226). Enquanto o menino é aquele que tem o falo, a menina é aquela que não tem, impossibilitando uma identificação por meio de um atributo ausente. Tal situação pode levar a três possíveis orientações: “a da interrupção da vida sexual como um todo; b) a de uma desafiadora acentuação da masculinidade; c) os primeiros passos para a feminilidade definitiva” (Freud, 1931/2018, p. 227).

Para Freud, o resultado do longo processo que é o Complexo de Édipo na menina muitas vezes não é superado pela mesma e confere o caráter social da feminilidade, que se associa ao não abandono completo de posições infantis e das aspirações incestuosas. Em “A feminilidade” (1933/2018), Freud reúne todas as informações que obteve ao longo de suas análises e foram citadas até aqui, construídas ao longo de suas teorizações sobre a sexualidade. É notável que ele teve dificuldade em falar sobre a sexualidade feminina quando afirma que é impossível que a psicanálise descreva a mulher; o que é possível para ela, nesse caso, é compreender como se torna uma mulher através da criança provida de uma inclinação bissexual. Nessa conferência, o psicanalista rompe com as associações realizadas sobre feminino e passividade, afirmando que <sup>1868</sup> na feminilidade existe uma preferência por metas passivas, o que é estimulado pelas normas sociais.

Ainda nessa importante conferência, ele afirma que a coibição da agressividade feminina é também algo construído e imposto socialmente que propicia o desenvolvimento do masoquismo, que é estreitamente feminino. “A menininha é geralmente menos agressiva, desafiadora e autossuficiente; parece ter mais necessidade de carinho, que lhe deve ser demonstrado, e por isso é mais dependente e dócil” (Freud, 1933/2018, p. 247). Diz também que a mesma é mais inteligente e vivaz que o menino e que investe mais intensamente nos objetos; que o ciúme, a inveja, o narcisismo e a vaidade física é muito maior nas mulheres, como efeito da inveja do pênis.

Ele enfatiza a relação da menina com a mãe na fase pré-edípica enquanto decisiva para que mais tarde a mulher efetue sua responsabilidade nas funções sexuais e sociais, afirmando

que tais relações libidinais ocorrem de formas variadas e representam movimentos ativos e passivos, além de serem ambivalentes, ternos e hostis. Nas fantasias e no onanismo das meninas, que é menos frequente que nos meninos, a mãe configura o papel central de sedutora regularmente. Assim, expressa-se um desejo de dar um filho à mãe. Até que a menina se afasta, porque a mãe não lhe deu um pênis, não lhe alimentou, não lhe deu amor de forma suficiente e primeiro a estimulou para depois lhe proibir a atividade sexual. Ao entrar no Complexo de Édipo, a feminilidade só se determina se o desejo de ter um pênis for substituído pelo desejo de ter um filho. De todas as relações humanas, a relação mãe-filho é a mais perfeita e satisfatória (Freud, 1933/2018).

Além disso, afirma que a menina persiste por tempo indeterminado no complexo, desconstruindo-o após um tempo de forma incompleta, o que afeta a formação do supereu. Freud traz ainda algo novo sobre a libido: que a mesma não pode ser associada a nenhum sexo; se ocupa duplamente da função sexual masculina e da feminina. E, por fim, conclui a conferência dizendo que só é possível descrever a mulher por ser definida por sua função sexual, mas que uma mulher é um ser humano. Ademais, sugere que se os leitores almejarem saber mais a respeito da feminilidade, devem buscar nas experiências de vida, nos poetas ou esperar a ciência informar sobre a mesma de modo mais complexo e estruturado (Freud, 1933/2018). Ele, <sup>1869</sup> enfim e depois de muitas tentativas, assume a impossibilidade de descrever uma mulher através da psicanálise, se atendo apenas a como ela pode se tornar mulher. Fato interessante é que essas perguntas sobre a mulher continuam sem um esclarecimento total através das experiências de vida, das artes ou mesmo da ciência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após suas tentativas de descrever a mulher e a relação que ela sustenta com os ideais de feminilidade, Freud assume sua ignorância frente ao que lhe parecia confuso e obscuro. De acordo com Maria Rita Kehl (2008, p. 227), isso indica algum empecilho na “posição subjetiva de Freud diante delas”. Portanto, Freud ocupou ele mesmo a posição feminina, mas nada quis saber sobre isso; sobrou a ele o recalque para ser possível sustentar a hombridade que lhe era exigida. Ainda que ele tenha assumido o que de cultural havia nas limitações impostas às

mulheres, ele ainda era um médico que passava pelas cobranças de readaptar àquelas mulheres desassossegas às funções - limitantes, que demonstravam possibilidades estreitas de existência – impostas a elas (Kehl, 2008).

O que diferencia, então, a mulher do homem? Depreende-se a partir do exposto que a sexuação humana pouco tem do sexo biológico e anatômico, e muito tem do atravessamento da cultura. Para a criança, isso se dá através das posições que ela ocupa no Complexo de Édipo. Por um lado, essa sexuação situa o sujeito em apenas dois lugares a partir de suas diferenças genitais. Mas é só isso, o que é muito pouco. “Todo o resto está por construir, por escrever” (Kehl, 2008, p. 260). O que ocorre no Complexo de Édipo é insuficiente para definir que mulher a menina vai se tornar; as possibilidades apontadas por Freud não constituem uma narrativa, uma história de vida que encarregue o sujeito de lidar com a falta de um falo que, apesar das confusões teóricas, ninguém tem, e que abre a possibilidade do desejo.

No caso das históricas, que ao assumirem a feminilidade, não sem custos, assumem a posição de objeto de desejo, demandando para sempre que um homem lhe devolva o falo do qual ela abriu mão, inaugura-se uma posição onde não se deseja: quem sabe e tem responsabilidade sobre esse desejo é um outro. Não desejando por si mesma, a histórica está fadada ao descontentamento. De certo modo, a psicanálise erroneamente equivale a feminilidade à <sup>1870</sup> histeria, havendo uma certa valorização dessa mulher que veste a máscara da feminilidade frente ao homem. Mas não passa, novamente, de uma leitura que tenta naturalizar o que é ser a mulher, e mais especificamente, o feminino, que para Freud, tanto para os homens como para as mulheres, trata-se do que há de maldito na nossa cultura (Kehl, 2008).

Os mistérios que envolvem o que a psicanálise tenta dizer sobre a mulher se constituem como um sintoma, não como um impasse teórico. Esse mistério se dá pela alteridade constituinte da mulher e pela sua proximidade com o homem. “A única diferença fundamental entre um homem e uma mulher é que esta também é mulher” (Kehl, 2008, p. 264). Uma mulher nunca ocupa e nem suporta ocupar completamente a posição feminina. Ainda que Freud pensasse que não fosse possível que as mulheres mudassem sua condição drástica e profundamente, a psicanálise deu abertura para pensar os sujeitos como seres de cultura, constituídos pela história e pela linguagem que os antecede.

Logo, se é pelo uso da língua que os sujeitos se revelam e singularizam, as mudanças podem ocorrer nesse campo. As mulheres que procuram a clínica hoje são diferentes das mulheres que procuraram Freud no início de sua carreira. Isso demonstra que é extremamente necessário que a teoria psicanalítica considere e compreenda as complexas mudanças que a cultura, o social e histórico provocam nos sujeitos. Esse é o legado que o pai da psicanálise, com todas as contradições, nos deixa. “A psicanálise nasceu para dar voz ao emergente e não para corroborar a tradição” (Kehl, 2008, p. 258). E esse emergente, ainda não-dito, é único para cada sujeito, com suas experiências também únicas. Homens e mulheres interessam à psicanálise em suas singularidades e são nessas mesmas singularidades que eles não se identificam, naturalmente, a um sexo. Portanto, a resposta para a pergunta: “o que é ser uma mulher” só pode ser respondida a partir da história e da construção narrativa de cada uma delas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBRA, Pedro. **Um panorama histórico**. *Revista Cult*, vol. 238, p. 24-27, Setembro, 2018.

FREUD, Sigmund. A femilidade (1933) (Nova Sequência de Conferências de Introdução à Psicanálise – Conferência XXXIII). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

1871

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, Sigmund. A vida sexual humana (1916) (Conferências de introdução à psicanálise – Conferência XX). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, Sigmund. Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais (1916) (Conferências de Introdução à Psicanálise – Conferência XXI). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, Sigmund. O declínio do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, Sigmund. Organização genital infantil (1923) (Uma interpolação na teoria da sexualidade). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina (1931). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, Sigmund. Sobre o esclarecimento sexual das crianças (1907) (Carta aberta ao Dr. M. Fürst). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, Sigmund. Sobre teorias sexuais infantis (1908). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

MOLINA, José Artur. **O que Freud dizia sobre as mulheres**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

TAVARES, Gilson I. Sobre amor, sexualidade e feminilidade. In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.